

'SÃO PEDRO: ROGAI POR NÓS!' Festa, política e memória

Thaís Nascimento

Conta-se que em 2001 a então presidente da Associação de Pescadores Artesanais de Ponta Grossa dos Fidalgos (APAPGF), Virgimar, convidou Marinês, zeladora da Capela local, a realizar uma festa em louvor a São Pedro, santo patrono dos pescadores. Virgimar, Marinês e outras mulheres frequentadoras da Igreja local organizaram uma pequena comemoração que contou com a ajuda do então vereador Russo Peixeiro. Este doou à Capela local uma nova imagem da Santa Padroeira do lugar, Nossa Senhora da Conceição, e duas imagens de São Pedro. No ano seguinte, Russo assumiu para si o patrocínio da festa, provendo a parte lúdica e de estrutura (iluminação, banheiros químicos, segurança etc), enquanto Virgimar, Marinês e as outras mulheres ficaram encarregadas dos preparativos relativos à Igreja.

Embora se fale sobre uma festa antiga, não se sabe quando a festa de São Pedro foi feita pela primeira vez em Ponta Grossa dos Fidalgos, povoado pesqueiro situado às margens norte da Lagoa Feia, no município de Campos dos Goytacazes, interior do estado do Rio de Janeiro. Também é desconhecido o ano preciso em que foi interrompida por um tempo, também ele incerto, que varia de um interlocutor para outro. Tudo que se sabe é que a festa foi retomada em 2001, tendo sido realizados registros das festas de 2002 a 2006.

Há uma divisão nativa entre "parte religiosa" e "parte recreativa" da festa de São Pedro em Ponta Grossa dos Fidalgos. Embora todo evento ocorrido na festa de São Pedro seja "religioso", posto que esta é uma festa para o Santo, há uma ideia, nos valores dos católicos praticantes do local, de que paquera, bebida e política não devam ser misturadas a coisas da Igreja. Beber e paquerar na festa do Santo, ao menos durante os momentos em que a imagem de São Pedro se

encontra no Porto da Beirada, local onde os principais eventos festivos acontecem, é um desrespeito ao Santo e encarado pelos mais velhos como sinal de falta de fé e devoção. Já a política partidária é, em geral, considerada no povoado como algo intrinsecamente pejorativo, como uma entidade malévola capaz de conspurcar tudo aquilo em que toca. Assim, muitos dos conflitos existentes na festa de São Pedro são resultado desta visão maniqueísta que os habitantes de Ponta Grossa dos Fidalgos têm com relação a certos assuntos. Se a festa, no entanto, não tiver as partes econômica, religiosa, política e de sociabilidade, ela fica “fraca”, dentro da categorização nativa, e deixa de ser um fato social total. A festa é todo o circuito de reciprocidade.

Ainda que tenha caráter religioso, a festa de São Pedro mantém igualmente aspectos bastante secularizados, que criam conflitos com o grupo católico local, pois, como ocorre na maioria das festas religiosas brasileiras, “a participação popular se dá mais pelo aspecto turístico, do divertimento e alegria, do que pelo aspecto religioso propriamente dito do evento” (Amaral, 1998, p.36). Logo, os que vêm de fora do povoado participam da festa buscando prazer - bebendo, dançando forró e paquerando. Rita Amaral ressalta “que para aqueles que realmente dominam o código da festa, a leitura dos símbolos que ela contém é sempre diferente da leitura dos turistas e visitantes, que a vêem, geralmente, como espetáculo e diversão” (Idem, p. 278).

Nunca ouvi um pontagrossense dizer que vê problemas em haver recreação na festa de São Pedro. Pelo contrário, muitos afirmam que se não houver shows de música e dança a festa fica “fraca”, em oposição a uma festa “boa” ou “forte”. Também a festa antiga possuía aspectos lúdicos e tinha um caráter recreativo, representados nas gincanas e nos bailes. Segalen afirma que o lúdico sempre fez parte dos grandes rituais:

De fato, se o ritual é aceito, compartilhado, ele se acomoda às atitudes mais descontraídas, quem sabe até lúdicas; apenas quando imposto é que vai apresentar marcas de distanciamento e respeito convencional (...). A alegria e os transbordamentos sempre acompanharam os grandes rituais; por que recusar-lhes isto hoje? (Segalen, 2002, p. 150).

Isidoro Alves faz uma analogia da festa católica com o rito carnavalesco quando fala sobre o Círio de Nazaré, em Belém, no Pará. Também ali há a tentativa de separar o “núcleo estruturado” das áreas “marginais”, o puro e o impuro, o absolutamente sagrado e o profano absoluto.

A tentativa de separação destes dois *loci* festivos, portanto, está presente em diversas festas católicas brasileiras, se não em todas, em maior ou menor

grau. Uma das grandes acusações de “desrespeito”¹ está relacionada aos efeitos etílicos. Durante a cavalcada de São Pedro em 2004, os festeiros, que são os organizadores do evento, estavam distribuindo cerveja aos cavaleiros. Durante a cavalcada, Russo Peixeiro disse ao microfone que a cerveja era só para refrescar, e não para beber e “ficar doído”. Mesmo assim, o vereador foi acusado de *falta de respeito* ao Santo, pois ele colaborou, com a distribuição de bebidas, para que os cavaleiros ficassem bêbados e se comportassem de maneira licenciosa, dizendo obscenidades às moças.

O que as pessoas que acusam os cavaleiros e o vereador de *desrespeitar* o Santo estão criticando é a falta de limites desses homens. Nenhum problema há em se divertir na festa, desde que sejam *respeitados* os momentos rituais, como a Missa Campal. É permitido beber, porém seria de bom tom não exagerar. Paquerar é considerado normal e também os católicos mais velhos do lugar o faziam nas festas antigas, todavia dizer indecoros às mulheres e moças é *desrespeito*. Dançar forró é muito divertido e todos gostam, mas é desnecessário que a dança seja feita de modo licencioso. Muitas vezes, os que vêm de fora não estão atentos a essas pequenas regras de conduta observadas pelos católicos assíduos à Igreja. Daí a acusação, por parte desses últimos, de *desrespeito*.

Os cavaleiros não agem propositalmente dessa forma que parece tão ofensiva e desrespeitosa ao grupo católico. Eles agem assim porque não estão submetidos às características e tendências peculiares aos fiéis católicos, e nesse sentido eles estão distantes do grupo. Sua proximidade está relacionada com traços comuns da natureza social, como o gosto pelo forró, para dar um exemplo, ou genericamente humana, como a necessidade e desejo de recreação. Não é simples, todavia, a oposição entre devoção e diversão. Há complexas formas devocionais associadas a modos de diversão, como por exemplo, o “beber para o Santo”, uma devoção que tende a escapar da regulação da instituição católica. Neste sentido, o cavaleiro, ainda que também católico, se afasta dos fiéis locais². A proximidade e a distância produzem uma tensão particular entre o cavaleiro e o grupo em que se inseriu, gerando uma forma particular de interação. Em Ponta Grossa dos Fidalgos, essa interação é conflituosa e evoca uma discussão sobre o *respeito* ou a falta dele.

A maioria dos moradores de Ponta Grossa dos Fidalgos tende a dividir o mundo em poderes opostos e incompatíveis, como no caso de política e religião.

¹ Tratando “respeito” e “desrespeito” como categorias nativas, assinalarei tais palavras no texto, daqui por diante, em itálico.

² E quando digo fiéis, neste caso, refiro-me aos frequentadores assíduos da Igreja, que criticam esses excessos.

Eles também agem assim com relação ao passado, evocando uma Ponta Grossa do tempo dos antigos da qual muito ouvi falar, mas não cheguei a conhecer. É perceptível, no entanto, que estas memórias podem ser interpretadas tanto com valorização positiva, quanto com negativa. Assim, tem-se uma diferença de concepção do passado que chamarei de “tempo das canoas” e de uma outra, chamada de “tempo do atraso”.

O “tempo das canoas” é recordado como um período de pesca abundante, numa Lagoa bela, cujas margens são como uma praia. Neste sentido, a frase “não havia luz, mas havia respeito” denota a nostalgia de tempos difíceis, porém considerados por muitos como tendo sido melhores para se viver do que os atuais, senão do ponto de vista do conforto, que não se compara ao de hoje, ao menos do ponto de vista moral.

Não pense o leitor que não havia conflitos. Ao lado dessa visão idílica do “tempo das canoas”, onde, nas palavras de Castro Faria, “tudo parece refletir a simplicidade do ambiente em que toda aquela vila se agita” (Castro Faria, em trabalho inédito, 1941), surge um olhar menos romântico, que vê as pessoas desta época como “atrasadas”, “primitivas”, invocando neste sentido os conflitos, as disputas e as brigas entre os moradores do Ingá e os da Beirada e da Ponta, os três rudimentos de bairros que dividem geograficamente Ponta Grossa dos Fidalgos.

Essa visão se refere à época em questão como o “tempo do atraso”, época em que o asfalto ainda não chegara ao povoado e as estradas que levavam à Ponta Grossa dos Fidalgos eram lamacentas, dificultando o acesso ao lugar, mantendo-o isolado do resto do município e atrapalhando o transporte da safra de peixes para o Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes.

A mesma Ponta Grossa dos Fidalgos é, portanto, vista de duas formas distintas: a visão idílica do “tempo das canoas” destaca os aspectos positivos que os moradores julgam que a aldeia tinha naquele então, ao passo que o rótulo “tempo do atraso” relembra e enfatiza os aspectos negativos da vida no arraial, como as dificuldades de uma vida árdua e os conflitos entre as facções locais.

As evocações mnésicas dos pontagrossenses parecem contraditórias, se não estivermos atentos para o fato de que o tempo dos antigos é um argumento retórico. Por isso o passado pode ser utilizado para justificar os mais diferentes pontos de vista sobre os assuntos mais diversos.

A festa “é o reviver do passado e projeção de utopias” (Amaral, 1998, p. 273). A memória da nova festa de São Pedro evocou as festas antigas, sua religiosidade e seu *respeito*, supostamente inexistentes nos dias de hoje, porém, em perfeita harmonia no passado. Assim, de um modo geral, as pessoas quando se referem ao “tempo das canoas” afirmam que havia mais *respeito* na festa antiga

de São Pedro. Não encontrei, todavia, pessoa alguma que, mesmo defendendo seja a visão do “tempo das canoas” ou a do “tempo do atraso”, desconsiderasse ou ignorasse quaisquer fatores, negativos ou positivos, do tempo antigo. Ainda que possam privilegiar uma dessas formas de recordar o passado, todos estão conscientes de que havia fatores, da vida cotidiana pretérita, melhores ou piores que os atuais. Apesar disso, muitos, ao recordar o passado, terminavam suspirando – “ah, minha filha, mas era tão bom...”. Em iguais circunstâncias, outros, aproximadamente na mesma proporção, protestam contra esta idealização, sobretudo as mulheres, que assinalam a redução do dispêndio de energia na execução das tarefas domésticas, muito menor hoje do que antigamente.

Não se pode afirmar, contudo, que todas as mulheres preferiram os dias atuais em detrimento do tempo antigo. Pelo menos no plano do discurso, algumas mulheres disseram que preferiam viver como antigamente, pois havia mais *respeito*, mais moral, mais religiosidade e fé, e “as moças se casavam virgens”. As próprias mulheres que me argumentaram que o tempo dos antigos era melhor porque as moças se casavam virgens, contudo, contam que embora o casamento na Igreja seja defendido como sendo o ‘correto’, a maioria adotou a fuga como forma de contrair matrimônio.

Isso mostra que também há mulheres que idealizam o passado, a despeito das dificuldades materiais e do trabalho árduo que era cuidar da casa, carregando latas d’água na cabeça da Lagoa para a casa, cozinhando em fogão à lenha e conservando o alimento em tonéis com banha de porco, já que não havia eletricidade.

Algumas histórias são vividas “por tabela” e contadas por muitos que não a experimentaram pessoalmente. Fazem parte do imaginário coletivo (Cf. Pollak, 1992). Assim, mesmo aqueles que não conheceram a Lagoa com seus 370km², dos quais mais da metade foi aterrada em obras de saneamento principalmente na década de 1970, ressaltam que a Lagoa era muito bela no tempo dos antigos e demonstram a mesma nostalgia que Georges Duby (1988) atribui aos idosos, que “choram os bons tempos passados em que tudo era mais belo”, num fenômeno que Pollak chama de “acontecimentos vividos por tabela”, i.e., acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual o indivíduo se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. São eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa, mas, ainda assim, por meio da socialização política ou da socialização histórica, criam um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado tão forte que Pollak (1992) fala de “uma memória quase que herdada”.

Pollak (1992) afirma que a memória é um fenômeno construído, pois é “organizada em função das preocupações pessoais e políticas do momento”. Ele afirma que o que a memória individual grava ou exclui, recalca ou relembra, resulta de um verdadeiro trabalho de organização, e isto pode se dar consciente ou inconscientemente. Ela é seletiva e nem tudo fica gravado ou registrado, constituindo-se assim como verdadeiro registro tentacular dos acontecimentos da vida.

Comemorar é trazer à lembrança, recordar, memorar. Deriva do latim *commemāre*, de *memorāre*, “o que se lembra, o que se faz lembrar”. Quando a festa deixou de ser realizada, os católicos continuaram a fazer a procissão e rezar a ladainha em frente ao prédio da Colônia de Pesca. Como, mesmo quando eles chamavam a comemoração de festa, nem sempre havia Missa, não ficou claro para todos que a festa não mais estava sendo realizada. Ou seja, continuou existindo um rito para (re)lembrar São Pedro. A grande diferença entre a festa antiga e a simples comemoração religiosa eram os bailes realizados na festa antiga, mas ninguém lembra ao certo em que ano eles deixaram de acontecer.

Halbwachs diferencia o tempo coletivo do tempo individual na medida em que a divisão do tempo, resultante de convenções e costumes a fim de expressar a ordem social, é diferente da noção, impressão ou consciência individual que se tem da duração do tempo. Assim, os indivíduos criam “durações individuais” que dividem o tempo. O que se observa em Ponta Grossa dos Fidalgos é que as pessoas, embora não lembrem o ano exato da morte do antigo festeiro e o conseqüente hiato entre os dois modelos de festa, se lembram de um “contexto de dados temporais” a que a lembrança da antiga festa está ligada de alguma forma: falta de energia elétrica e de água encanada, existência de times de futebol e ranchos de carnaval que rivalizavam no povoado, inexistência de outras igrejas além da católica, o tipo de habitação, as margens da Lagoa Feia etc. É justamente nesse sentido que, “graças à primeira série de reflexões desse tipo, muitas vezes uma lembrança toma corpo e se completa” (Halbwachs, 2006, p. 124).

O passado também é relembrado quando os conflitos em torno da organização da festa entre o vereador e o grupo de oração local se tornaram explícitos em 2004. Assim, uma versão diferente da festa do Patrono dos pescadores começou a ser evocada para argumentar que Russo usara a festa como meio de autopromoção política, como será brevemente discutido à frente.

Desse modo, a vida de Ponta Grossa dos Fidalgos continua sendo fortemente marcada pela presença de um passado que, longe de ser relegado ao status de meras recordações de períodos já distantes, mostra-se o arcabouço argumentativo para questionamentos e avaliações de iniciativas e decisões do presente.

A população de Ponta Grossa dos Fidalgos, obviamente, não possui uma opinião homogênea a respeito da inserção do vereador na festa católica. As pessoas têm visões diferentes, de acordo com o "grupo" em que elas se inserem, de acordo com seus interesses conscientes ou não. Há no povoado, desse modo, protestantes e católicos; os "contra" e os "a favor" de Russo no cenário político municipal; os que montam barraquinhas durante o festejo e os que não o fazem; os católicos que frequentam a Igreja local assiduamente e os que vão apenas às procissões e ocasiões litúrgicas especiais. Não só os interesses e pontos de vista destes grupos são diferentes, como muitas vezes eles se entrelaçam e por isso surge uma multiplicidade de opiniões e de "graus" do quanto se é contra ou a favor do modelo atual da festa. Como a mesma pessoa pode expressar, de acordo com a situação em que se encontra, diferentes "graus" destas opiniões e nenhuma pesquisa sistemática foi realizada no sentido de "medir" essas variações, limito-me aqui a apresentar os argumentos genéricos sobre a festa enquanto uma estratégia política ou não.

Há, pelo menos, duas maneiras de ver a festa: de que esta é um artifício do vereador para obtenção de votos, argumento que passou a ser usado explicitamente após os conflitos de interesse entre Russo Peixeiro e as mulheres do grupo de oração local; e o argumento de que a festa necessita da política, sem a qual, aquela não aconteceria. Este raciocínio começou a ser explicitado por alguns moradores em contraposição à ideia da festa como algo excessivamente político.

Em 2004 a esposa do vereador e a presidente da Associação de Pescadores organizaram os eventos religiosos da festa de São Pedro, e Russo Peixeiro convidou um grupo de oração de outra localidade a paranimfar a Missa. Esta atitude causou grande insatisfação às mulheres do grupo de oração local, mesmo entre aquelas que apoiavam politicamente Russo. Foi a partir daí que estas mulheres organizaram um "boicote" àquela festa, ato qualificado como uma manifestação do grupo de oração em oposição à inserção e influência de Russo, enquanto político, na festa. Este grupo considerou que desta forma o ritual religioso se transformava em momento de "propaganda política" e que havia *desrespeito* da parte do vereador para com elas e com o Santo.

Este foi o argumento explícito que elas utilizaram para explicar o gesto de repúdio por terem sido deixadas de fora da organização da festa. Há, no entanto, mais sobre o que refletir. Se encararmos a política de forma mais ampla, e não somente como uma prática partidária e busca por votos, poderemos concluir que aquelas mulheres estavam reivindicando seu espaço político dentro da organização do festejo. Afinal, até o ano anterior, elas tinham o poder de decidir quem estaria no palco no momento da Celebração da Eucaristia para cantar os

louvores durante a liturgia, a que horas ocorreriam as procissões e a Missa, como seriam ornamentados os andores, onde ficaria o andor com o Santo até o momento de ele ser levado ao Porto da Beirada, se haveria Ministérios de Louvor realizando shows católicos durante o festejo etc. Todas as pequenas decisões e sua viabilização eram tarefa de Marinês e das outras mulheres do Conselho Capelar³. No momento em que o vereador, enquanto o grande patrono da festa, homem que a fazia acontecer, as ignorou e colocou outras pessoas para tomar estas decisões, elas perderam seu espaço político dentro da festa. Perderam seu poder de atuação na esfera religiosa da festa não somente no processo decisório que ocorre antes de sua realização, mas também no processo participativo, já que outro grupo de oração viera acompanhar o Padre durante a Missa.

Ainda que o objetivo destas mulheres não fossem votos, elas também faziam um uso político da festa, num sentido mais amplo, angariando prestígio entre seus pares e/ou satisfação pessoal com a organização da festa, além de conquistar neste evento um *locus* privilegiado para a exaltação de suas crenças religiosas. Talvez até mesmo fosse uma busca por prestígio perante São Pedro, visto que não raras vezes os pontagrossenses atribuem manifestações da natureza ocorridas principalmente durante o período comemorativo dos Santos ao humor destes. Se chover durante a festa de São Pedro, por exemplo, costuma-se dizer que é porque o Santo está chateado, pois as pessoas não soltam fogos suficientes para ele, ou não prestam a devida atenção à Missa, ou mesmo não prestigiam as procissões como deveriam.

Muitos católicos de Ponta Grossa dos Fidalgos, por já não nutrirem simpatias político-partidárias por Russo, aderiram ao boicote à festa de 2004. Cito esta festa porque ela foi o caso mais extremo e emblemático do conflito que se apresentou de forma latente durante os anos anteriores, e, num estado menos vigoroso, nos anos posteriores. Os católicos do local que não viam essa dramática “transformação” do rito religioso em puro marketing político participaram normalmente da festividade, comparecendo aos shows, montando barraquinhas, enfeitando os barcos para a procissão, soltando fogos durante a alvorada, assistindo à Missa. Desta maneira, a população se dividiu, e ainda que parecesse, aos olhos de um visitante que fosse pela primeira vez à festa de São Pedro naquele vilarejo, por exemplo, que havia muitas pessoas assistindo à Missa Campal, quem tinha a experiência das festas anteriores percebia que o número de fiéis atentos era ínfimo. Se esse mesmo visitante ficasse atento às conversas dos

³ Criado em 2003 pelo ministro extraordinário da santa Comunhão para cuidar dos interesses da Igreja local, era formado por quatro mulheres de Ponta Grossa dos Fidalgos, sendo Marinês a Presidente do Conselho.

moradores no povoado, poderia perceber essa divisão de opiniões entre os católicos locais, pois a todo o momento ouviam-se discussões de pequenos grupos de três ou quatro pessoas, cada um defendendo seu ponto de vista a respeito de a festa ser uma estratégia política de Russo ou não.

Nessas pequenas rodas de debates, volta e meia alguém mencionava a festa do tempo dos antigos. Em geral, as pessoas que apontam a festa antiga como melhor que a atual têm acima de 60 anos e muitas não participam da festa de hoje, devido à idade avançada, ou mesmo católicos que são politicamente contra Russo Peixeiro e por isso o acusam de *desrespeito* e falta de religiosidade. É bom mencionar também que os frequentadores assíduos da Igreja são mulheres em sua grande maioria, e com idade acima de 35 anos. Poucos são os jovens que frequentam a Igreja, e uma parcela considerável deles vai acompanhando suas mães. Muitos jovens, especialmente as moças, participam das procissões que ocorrem no povoado, mas não são assíduas às celebrações litúrgicas. Quando os jovens vão à Igreja, ficam na pracinha que há em frente, conversando ou namorando, tornando sua presença no interior da Igreja um acontecimento não muito comum.

Mas se a festa antiga era tão boa, por que não voltar a organizar o festejo de São Pedro nos moldes antigos, prescindindo do patrocínio e influência de um político? Ora, inúmeros conflitos se desenvolveram no povoado. Para citar um exemplo, entre a presidente da Associação de Pescadores, Virgimar, e parte dos pescadores credenciados na Associação: desvio da verba destinada ao pagamento do seguro-defeso e o credenciamento de pessoas que não viviam da pesca para o recebimento deste seguro, numa relação de clientelismo, eram algumas das acusações correntes feitas pelas pessoas à presidente. Assim é fácil concluir que, se um festeiro fosse pessoalmente até cada uma dessas pessoas que diz que prefere a festa antiga a fim de arrecadar verbas para organizar uma festa nos moldes antigos, ele seria em algum momento acusado de roubar o dinheiro, não importa quem fosse. Além disso, como afirmou o antigo festeiro quando questionado sobre o motivo de não retornar ao modelo antigo da festa, uma celebração organizada pelos próprios moradores não teria a grandiosidade da festa que tem o apoio político. Mais que isso, como argumentou o ex-festeiro, o emprego do dinheiro arrecadado seria sempre alvo de suspeitas e críticas, o que diminuiria o interesse de uma pessoa em assumir para si as responsabilidades diante da realização do evento.

Além disso, os jovens, para quem a festa é um importante momento de lazer, confraternização e diversão, ficariam insatisfeitos, achando a festa "fraca" e ruim. Uma festa fraca não atrairia pessoas dos povoados vizinhos para consumir nas barraquinhas, o que atrapalharia os barraqueiros, que fazem um investimento

anual para comprar as bebidas e comidas necessárias para vender durante a festa de São Pedro e arrecadar um dinheiro extra. Também os barraqueiros provavelmente reclamariam, e não só eles, de ter que dar dinheiro para a realização da festa, ao invés de obter algum lucro durante o momento festivo.

Coisas que o político consegue com alguma facilidade junto à Prefeitura, a qual intermedeia para o povoado, seriam mais difíceis de conseguir, tais como iluminação, segurança, palco, estrutura de som, geradores de energia elétrica, trio elétrico, bandas, banheiros químicos, divulgação e o pagamento do Pároco para realização da Missa Campal. Para o vereador, a liberação destes recursos para a festa é muito mais fácil do que para uma pessoa comum, porque ele dispõe de acessos os quais os cidadãos não têm. Isto porque o *status* de vereador lhe confere um caráter diferenciado enquanto detentor de acessos que estão fora do alcance das pessoas comuns (Cf. Kuschnir, 2000), e de intermediador privilegiado entre seus eleitores e os recursos de que eles precisarem (médico, advogado, empregos, cadastramentos para recebimento do seguro-defeso, vagas nas chamadas 'frentes de trabalho' obtidas em período de proibição da pesca etc). Já para uma pessoa comum, distante de um posto de poder político, há todo um trâmite burocrático para pedir e, por vezes, só se consegue parte do que foi pedido.

Em sua defesa, Russo argumentou que sem ele atuando na Câmara de Vereadores como um representante direcionado aos problemas de Ponta Grossa, os moradores do povoado ficariam "isolados", isto é, não receberiam investimento da Prefeitura e deixariam de receber o repasse de recursos municipais destinados ao "seguro-defeso". É interessante pensar que o caráter de "isolamento" do povoado é uma característica sempre ressaltada na visão negativa do tempo dos antigos, em que, devido às dificuldades de acesso ao arraial, as pessoas, incluindo as que detinham o poder público, não visitavam e, conseqüentemente, não injetavam recursos em Ponta Grossa. Se no tempo dos antigos esse isolamento era, em grande medida, físico, geográfico, nos tempos atuais o caráter de "lugar isolado" é dado pela falta de atenção que os políticos, principalmente, dão ao local. Russo, portanto, evoca valores locais importantes, os quais associam a "acessibilidade" a um lugar, ao "progresso" ou à "modernidade", em contraste com o "isolamento" entendido como "atraso".

De forma resumida, são estes os argumentos que elencam a impossibilidade de realização da festa tal qual o modelo pretérito, ressaltado nas narrativas que enfatizam os aspectos positivos dos tempos de outrora. Aquilo que era já não é mais, e a possibilidade de um retorno se mostra, senão impossível, ao menos de difícil realização. Desse modo, aquilo que pode parecer uma proposição de mudança, surge, de certa forma, como uma argumentação queixosa contra aquilo que se considera problemático.

Assim, a grande tensão entre os grupos durante a festa do Santo Pescador destaca exatamente uma disputa de poder, uma disputa política no sentido amplo da palavra. Quando a zeladora da Igreja reclama que Russo não a consultou sobre os assuntos religiosos relacionados à festa e que substituiu o grupo de oração local por um grupo de fora para auxiliar o Padre na Missa, ela está requisitando para si (e conseqüentemente para suas companheiras) o poder relativo aos assuntos religiosos locais, do qual, entre os católicos, ela é referência.

No contexto da festa, a política partidária emerge como o aspecto profano de um evento voltado para aquilo que é sagrado, pois é encarada como uma prática danosa e suja. Acontece, todavia, que a vida social não pode ser reduzida a poucos pares maniqueístas, e a própria repartição do mundo em campos religiosos, econômicos, políticos, pessoais etc. é uma forma de organizar o pensamento a fim de facilitar a compreensão das coisas.

Neste sentido, a festa não pode ser considerada apenas como recreativa, tampouco como unicamente política ou religiosa. Não poderia ser compreendida se tais aspectos fossem tomados como partes distintas do processo ritual. Eles são faces de um mesmo evento e a desconsideração de qualquer um deles levaria à incompreensão do todo, pois este só pode ser apreendido em sua amplitude se levarmos todos esses aspectos que no discurso nativo surgem como antitéticos e que, no fim das contas, apresentam-se melhor através da ideia de opostos complementares. A festa, desse modo, contém em si "*vários pares de oposição sem representar de modo exclusivo nenhum deles, constituindo-se, antes de todos*" (Amaral, 1998, p. 272).

É preciso, portanto, ter em conta quem relata as festas e em quais contextos, pois a suposta ambigüidade é fruto de narrativas formuladas de modo relacional e contextual. Assim, podemos deduzir que tanto as festas do passado moldam o discurso sobre as festas contemporâneas quanto o contrário. Passado e Presente, desse modo, possuem uma interpretação flutuante que caracteriza, de acordo com a pessoa e o contexto, o dinamismo das narrativas sobre a festa de São Pedro.

É necessário, então, pensar o ritual por um prisma que priorize a relação dos diferentes personagens que o realizam. É precisamente nessas circunstâncias que a história aparece como "um tal emaranhado de sucessos e fracassos, e tão cheia de interpretações duvidosas, que quase todos os grupos podem encontrar algum precedente favorável às suas atuais demandas e alguma circunstância para invalidar as dos seus rivais" (Turner, 2005, p. 226).

Russo Peixeiro e Marinês destacam-se como atores operando valores e discursos numa disputa por prestígio, seja este mostrado através de votos ou através dos elogios e da admiração dos pares. Estamos lidando, pois, com um

campo social onde ocorre a *"coexistência e a competição situacional de vários critérios que conferem prestígio, mas não ensejam o controle sobre os outros"* (Turner, 2005, p.208), no qual os *"líderes rivais saquearam o repositório das façanhas pretéritas para justificar seus atos e objetivos"* (Turner, 2005, p. 229).

E essa disputa simbólica tem na festa de São Pedro seu *locus* privilegiado por ser este o momento ritual que propicia aquilo que certa vez se chamou de *"efervescência social"*, ou, dito de outro modo, um verdadeiro *"fenômeno social total"* onde, como queria Marcel Mauss:

exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo -; econômicas - estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam esses fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam (Mauss, 2003, p. 187).

Todas essas *"instituições"* surgem de modo destacado ao longo das celebrações do Santo Pescador e, apesar dos esforços dos distintos grupos sociais do arraial em separá-las analiticamente, encontram-se associadas umas às outras de maneira indivisível, fazendo do momento um verdadeiro florescer dos símbolos que hão de colorir e mesmo compor as disputas locais anteriores às festividades.

O que se pode observar analisando os dados empíricos é o resultado da disputa de poderes sobre e durante a festa, e a instabilidade em torno de sua organização, *i.e.*, há uma constante disputa sobre o controle e viabilização da festa, e isto é política. Quando falo de política aqui, quero tratar dela de uma perspectiva aberta. Neste sentido é que falo de *"grupos políticos"*, eventualmente me referindo à política partidária. Em Ponta Grossa dos Fidalgos, assim como em Ilhéus, onde Márcio Goldman fez trabalho de campo durante anos, a palavra *"política"* carrega consigo uma valoração de coisa negativa, conspurcadora. Os pontagrossenses encaram o mundo de uma maneira dualista, onde de um lado estão as coisas puras, como as amizades, a família e a religião e de outro as coisas impuras, como a política.

Márcio Goldman afirma que não basta dizer que *"política"* é um termo polissêmico, pois *"os 'eleitores' em geral tendem a conceber a política como uma atividade (...) poluente – no sentido de que contamina as relações sociais"* (Goldman: 2000; p. 319). Assim, o que aqui quero ressaltar é que, embora eu tente mostrar essa visão maniqueísta dos pescadores de Ponta Grossa, a minha perspectiva é a da política enquanto fio condutor da realização da festa. *"Como a festa se dá? Que eventos*

ela terá? Que lugares relativos cada evento terá na festa?" Estas questões são reveladoras dos mecanismos de controle da realização e caracterização da festa, a partir dos quais se desenvolvem estratégias e negociações, conscientes ou não, para sua realização. A festa de São Pedro em Ponta Grossa dos Fidalgos e os eventos que ela envolve são sempre alvo de especulação, visto que ninguém sabe de antemão como será sua disposição, e por isso ressalta o caráter dinâmico da vida social, vida esta sempre colorida de incertezas, apostas e disputas.

A Igreja não capitanea a festa e o máximo de apoio em sua organização que a Paróquia dá é a ida do Pároco até o povoado para celebrar a Missa. O grupo religioso reclama, mas não toma a dianteira da festa em momento algum. Apenas na narração que me foi feita sobre a primeira festa de São Pedro o grupo de oração da Capela local organizou a festa. A partir do ano seguinte, contudo, após o vereador assumir o patrocínio da festa, este grupo ficou responsável apenas pela dita "parte religiosa" do festejo.

De outro lado, os líderes locais procuram auxiliar o vereador na organização do festejo, buscando assumir algumas tarefas e exercer um poder relativo dentro da festa. Digo relativo porque, embora estas pessoas almejem ter voz decisória no "passo a passo" da realização do evento, nenhuma delas pretende se equiparar ao vereador, muito menos tomar seu lugar. O presidente da Associação (enquanto posição estrutural naquela sociedade), os proprietários de terras marginais à Lagoa que organizam a cavalgada e os festeiros só têm a importância e poder que exercem na festa porque ela é realizada, e isso acontece, em grande parte, devido ao patrocínio oferecido pelo vereador.

Essa disputa de poder entre os diferentes grupos e atores sociais nos bastidores da festa de São Pedro tem um caráter de negociação da sequência ritual. Para o grupo católico, o problema não é haver shows de forró ou cavalgada. Até mesmo a questão da bebida durante a comemoração do Santo é vista pelas frequentadoras da Igreja como algo que faz parte da festa. O problema está na sobreposição de eventos lúdicos e religiosos. Para as mulheres do Conselho Capelar, os espaços e tempo das diferentes "categorias" de eventos festivos devem estar bem delimitados e separados. Há, contudo, os que, embora também sejam católicos, dispõem os eventos festivos de maneira a privilegiar o turismo e a economia local. Assim, percebe-se que esta negociação às vezes se dá de forma bem sucedida do ponto de vista dos atores envolvidos, e noutras se explicita como momento de tensão.

Assim, o passado, em Ponta Grossa dos Fidalgos, representa um verdadeiro argumento retórico. Trata-se de um recurso dístico manipulado pelos diferentes atores de acordo com os contextos em que se encontram inseridos, ou seja, um recurso que se refere à situação em que o enunciado é produzido, ao momento

da enunciação e aos atores do discurso, compondo assim os elementos indiciais da linguagem, que figuram lado a lado com as designações simbólicas ou conceituais.

O índice desse “tempo” é conhecido por todos, não apenas parcialmente, mas em sua integridade. O uso que se faz das narrativas que compõem os discursos disponíveis, no entanto, varia segundo as intenções do ator e sua situação. Por isso, é possível ver a mesma pessoa, num dado momento, ressaltar os aspectos positivos do “tempo das canoas” para, pouco tempo depois, deslocar o acento para o caráter negativo que marcava o “tempo do atraso”.

A situação em que um ator social se encontra no presente dá os contornos do modo pelo qual ele evocará o passado. O presente, neste sentido, cria as versões sobre o passado, mas não seria menos verdadeiro dizer que este tempo que já passou emerge sempre como um argumento questionando ou confirmando aquilo que acontece no agora. As memórias do tempo antigo são um argumento na negociação constante acerca das sequências e eventos do rito, ou no manejar da disputa política pelo poder sobre o ritual de São Pedro.

Passado e presente fundem-se então, impulsionando a vida, gerando novas narrativas que serão diferentemente apropriadas e usadas, garantindo assim o dinamismo e a continuidade da vida social desses homens e mulheres que povoam as margens setentrionais da Lagoa Feia.

Referências

ALVES, Isidoro. **O Carnaval Devoto**: Um Estudo sobre A Festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis: Vozes, 1980.

AMARAL, Rita de Cássia. **Festa à Brasileira**. Significados do Festejar, no País Que “Não É Sério”. São Paulo: USP, 1998.

CASTRO FARIA, Luiz de. Pescadores e Pescarias. In: **Antropologia** – Escritos Exumados 2 – Dimensões do Conhecimento Antropológico. Niterói: EDUFF, 2000.

_____. **Os Pescadores de Ponta Grossa dos Fidalgos**: Um Estudo *de* Morfologia Social. (Título Provisório). Conforme originais incorporados ao acervo do Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/CNPq, no Observatório do Valongo, Rio de Janeiro/RJ, s/d.

- CHAGAS, Adriene. A Memória Festiva: Seu Tempo e Espaço. **XI Seminário de Pesquisa do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte -CCSA-UFRN**, Natal, 2005.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis** – para Uma Sociologia do Dilema Brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983 [1978].
- DUBY, Georges. **Guilherme Marechal, ou O Melhor Cavaleiro do Mundo**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GOLDMAN, Marcio. Uma Teoria Etnográfica da Democracia: A Política do Ponto de Vista do Movimento Negro de Ilhéus, Bahia, Brasil. **Etnográfica**, vol. IV, nº 2, 2000.
- _____. Alteridade e Experiência: Antropologia e Teoria Etnográfica. **Etnográfica**, vol.10, nº 1, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Centauro: São Paulo, 2006.
- JORGE, Cyntia. O 'Casamento-fugido': A Ritualização das Alianças Matrimoniais numa Comunidade Pesqueira. **25ª Reunião Brasileira de Antropologia: Saberes e Práticas Antropológicas**, Desafios para O Século XXI, Goiânia-GO, 2006.
- KUSCHNIR, Karina. **O Cotidiano da Política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre A Dádiva: Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- NASCIMENTO, Thais. **A Festa de São Pedro em Ponta Grossa dos Fidalgos** – Apontamentos Etnográficos sobre A Celebração do Santo Pescador. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia), do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- OLIVEIRA E ALVES, Lorena de. **Práticas Políticas, Produções Ideológicas e Discursos de Legitimação na Associação de Pescadores de Ponta Grossa dos Fidalgos**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais), Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2007.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992.
- SEGALIN, Martine. **Ritos e Rituais Contemporâneos**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- SENNETT, Richard. **Respeito: A Formação do Caráter em Um Mundo Desigual**. Tradução de Rytá Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- TURNER, Víctor. Mukanda: The Politics of A Non-Political Ritual. In: SWARTZ, Marc. J. (ed). **Local Level Politics Social and Cultural Perspectives**. Chicago: Aldine Publishing Company, 1968, p. 135 a 150.
- _____. **A Floresta de Símbolos**. Niterói: Eduff, 2005.
- VOGEL, Arno. **O Pastor Peregrino** - Ritual, Simbolismo e Memória da Primeira Visita de João Paulo II ao Brasil. Niterói: Ed. Eduff, 1997.

Resumo

Uma festa realizada todos os anos em homenagem a São Pedro agita uma vila pesqueira situada às margens setentrionais da Lagoa Feia, no interior do estado do Rio de Janeiro. A festa, patrocinada por um político local, divide opiniões na comunidade acerca de suas múltiplas facetas, em especial a religiosa, a recreativa e a política, gerando algumas tensões. Neste sentido, um modelo antigo da festa, não mais realizado, é suscitado pelos moradores do povoado para discutir não apenas a festividade católica, mas também a vida social do lugar. A oposição de passado e presente surge como um argumento retórico nativo para reafirmar as ideias existentes sobre a festa do patrono dos pescadores.

Palavras-chave: Festas Populares; Memória; Religião e Catolicismo; Política e Ritual; Comunidades Pesqueiras

Abstract

A celebration held every year in honor of St. Peter shakes a fishing village situated on the northern shores of Feia Lagoon, within the state of Rio de Janeiro. The feast, sponsored by a local politician, divides opinions in the community about its multiple aspects, especially the religious, recreational and politics, generating tensions. In this sense, an old model of the feast, no more made, is raised by the villagers to discuss not only the Catholic festival, but also the social life of the place. The opposition of past and present emerges as a native rhetorical argument to reaffirm existing ideas about the feast of the patron saint of fishermen.

Keywords: Festivities, Memory; Religion and Catholicism, Politics and Ritual; Fishing Communities